ESTADO DE MINAS

Publicado em 18/08/2023 - 05:55

Temperatura máxima

HACKER: BOLSONARO QUIS FRAUDAR URNAS

Delgatti diz que se reuniu com o então presidente e assessores para discutir criação de falso código-fonte para comprovar fragilidade do sistema e recebeu promessa de indulto

ULYSS MARQUES/AGÊNCIA SENADO

Brasília – O hacker Walter Delgatti Neto deu ontem o depoimento mais polêmico da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do 8 de janeiro, com várias acusações ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Ele disse aos deputados e senadores que se reuniu em 10 de agosto de 2022 no Palácio da Alvorada com o então presidente e em outras duas ocasiões conversou com ele por telefone, intermediado pela deputada Carla Zambelli (PL-SP). Afirmou também que se reuniu na sede do PL com o presidente da legenda, Valdemar da Costa Neto, e assessores. O objetivo desses encontros seria tentar fraudar as urnas eletrônicas com um código-fonte falso e assumir a autoria de um grampo no telefone do ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes. E caso ele fosse preso, receberia indulto de Jair Bolsonaro. Mas não apresentou provas materiais à CPMI.

Delgatti está preso desde 2 de agosto por invasão ao sistema do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Ele ficou conhecido nacionalmente em 2019, quando vazou mensagens dos procuradores da Operação Lava-Jato e do então juiz Sergio Moro que indicaram acordo para levantar provas contra o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O hacker foi convocado para depor na CPMI após operação da Polícia Federal que teve Zambelli e ele próprio como alvos e em que foi cumprido o seu mandado de prisão.

Delgatti afirmou no depoimento que, em reunião com integrantes da campanha pela reeleição de Jair Bolsonaro, foi pedido que criasse um código-fonte falso para sugerir que a urna eletrônica era passível de fraude. A proposta teria partido do marqueteiro Duda Lima no encontro em que estavam também o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, Carla Zambelli e outras pessoas ligadas à deputada. "A ideia era, no dia 7 de setembro, eles pegarem uma urna emprestada da OAB, acredito. E que eu colocasse um aplicativo meu lá e mostrasse à população que é possível apertar um voto e sair outro. Eles queriam que eu fizesse um código-fonte meu, não o oficial do TSE. E nesse código-fonte, eu inserisse essas linhas, que eles chamam de 'código malicioso', porque tem como finalidade enganar, colocar dúvidas na eleição", disse o hacker.

> "Eles queriam que eu fizesse um código-fonte meu, não o oficial do TSE. E nesse código-fonte, eu inserisse essas linhas, que eles chamam de 'código malicioso', porque tem como finalidade enganar, colocar dúvidas na eleição"
>
> **Walter Delgatti Neto,** hacker

Ele citou também um grampo. "Eles haviam conseguido um grampo, que era tão esperado à época, do ministro Alexandre de Moraes, que teria conversas comprometedoras do ministro. E ele [Bolsonaro] precisava que eu assumisse a autoria desse grampo", disse Delgatti durante o depoimento. Como garantir, caso ele fosse preso, receberia indulto do presidente, a exemplo do ocorrido com o deputado Daniel Silveira, que foi condenado pelo STF e perdoado pelo então chefe do Executivo. "A ideia ali era que eu receberia um indulto do presidente. Ele haria concedido um indulto a um deputado federal. E como eu estava com o processo da [Operação] Spoofing à época, e com as cautelares que me proibiam de acessar a internet e trabalhar, eu visava esse indulto. E foi oferecido no dia", afirmou.

O objetivo era evitar questionamentos "esquerda", já que, por ter hackeado autoridades ligadas à Lava-Jato, ele teria prestígio entre os opositores de Bolsonaro ao mostrar a suposta fragilidade das urnas. Delgatti admitiu que cometeria crime ao tentar fraudar o sistema eleitoral, mas não poderia recusar um pedido do presidente da República. "Sim, eu sabia [que era crime]. Lembrando que era ordem. Ele também afirmou que orientou técnicos do Ministério da Defesa que elaboraram relatório oficial da pasta sobre as urnas entregue ao TSE sem apontar qualquer indício de fraude.

Delgatti disse ainda que Carla Zambelli teria prometido um emprego a ele na campanha da reeleição de Bolsonaro, mas a promessa não avançou e ele ficou encarregado de cuidar das redes sociais. O hacker afirmou que se encontrou com Zambelli em Ribeirão Preto (SP) por acaso e se apresentou a ela. Os dois, então teriam trocado contatos e a deputada, posteriormente, ofereceu uma vaga de trabalho.

Delgatti voltou a dizer que partiu de Carla Zambelli o falso mandado de prisão contra Alexandre de Moraes inserido no Banco Nacional de Monitoramento de Prisões do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e descoberto em 5 de janeiro. "Fui eu [o responsável por inserir o mandado falso no sistema]. A deputada me enviou um texto pronto, corrigi alguns erros e contextualizei, e publiquei a decisão. Ela me enviou [o texto] e quem fez eu não sei", declarou. Durante o depoimento, quando senadores de oposição ao atual governo federal, como Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e Damares Alves (Republicanos-DF), fizeram questionamento, ele se manteve em silêncio.

Após as declarações de ontem na CPMI, Delgatti foi convocado novamente pela Polícia Federal para depor hoje. Isso porque no depoimento de terça-feira, quando ele confirmou que recebeu R$ 40 mil de Carla Zambelli para criar falso mandado de prisão contra Alexandre de Moraes, a corporação entendeu que ele omitiu muitas informações sobre as tentativas de fraudar as urnas eletrônicas, como o grampo contra o ministro.

ULYSS MARQUES/AGÊNCIA SENADO

O depoimento de Walter Delgatti Neto foi o mais polêmico da CPMI dos atos golpistas até agora

Depoimento "bombástico", diz relatora

Brasília – A senadora Eliziane Gama (PSD-MA), relatora da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do 8 de janeiro, considerou "absolutamente bombástico" o depoimento do hacker Walter Delgatti Neto que incriminou o ex-presidente Jair Bolsonaro na tentativa de fraudar as urnas eletrônicas e grampear o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, e que há elementos para indiciá-lo. "Eu diria que hoje os elementos apresentados a essa comissão nos dão fortes condições de ao final termos o indiciamento do ex-presidente Bolsonaro. Precisamos compatibilizar com as quebras que nós estamos defendendo que ocorra", disse.

"Não há dúvida nenhuma que esse é um depoimento absolutamente bombástico pela gravidade das informações que nos foram passadas pelo depoente. Ele afirma de forma categórica que o ex-presidente Bolsonaro teria, na verdade, buscado junto a ele a responsabilidade em torno de um grampo de um ministro do Supremo Tribunal Federal e que teria assegurado a ele, inclusive, indulto", disse a Eliziane.

"São informações graves que, de forma muito clara, seriam uma tentativa de construção de elementos para justificar e apresentar uma tentativa de fraude eleitoral e, automaticamente, uma possível aplicação de golpe no Brasil", afirmou também a relatora. "Hoje é um dia marcante do ponto de vista dos trabalhos da CPMI e que, não há dúvida nenhuma, trar desdobramentos com a apresentação de novos requerimentos, tanto de aprovação de novas convocações, como também de quebra de sigilo", completou a relatora.

TV SENADO/REPRODUÇÃO

Sergio Moro trocou acusações com o hacker durante o depoimento

Bate-boca com o senador Sergio Moro

Brasília – O senador Sergio Moro (União Brasil-PR) e o hacker Walter Delgatti Neto trocaram acusações durante a sessão de ontem da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do 8 de janeiro. O confronto ocorreu quando o ex-juiz da Operação Lava-Jato questionou Delgatti citando sua condenação por estelionato relacionado a golpes que teriam sido cometidos em Araraquara (SP) e perguntou a ele quantas vítimas teria prejudicado. Delgatti respondeu: "Relembrando que eu fui vítima de uma perseguição em Araraquara, inclusive, equiparada à perseguição que vossa excelência fez com o presidente Lula e integrantes do PT". Na sequência, Delgatti disse que leu conversas do ex-juiz da Lava-Jato em aplicativos de mensagem. "Li a parte privada e posso dizer que o senhor é um criminoso contumaz, cometeu diversas irregularidades e crimes". Moro, então, pediu ao vice-presidente da CPI, senador Cid Gomes (PDT-CE), que exercia a presidência da comissão, que advertisse Delgatti, dizendo que o depoente não podia caluniar um senador na CPI.

"Bandido aqui, desculpe senhor Walter, que foi preso é o senhor. O senhor foi condenado. O senhor é inocente como o presidente Lula, então?", indagou o senador. "O senhor não foi preso porque recorreu à prerrogativa de foro por função", retrucou o hacker. Moro ainda acusou Delgatti de ter invadido aplicativos de mais de 170 pessoas. O hacker confirmou a prática e disse que o número referido seria ainda maior. "Cheguei às conversas do senhor com o então procurador Dallagnol e essas conversas foram chanceladas pelo STF e são utilizadas para anular condenações de pessoas inocentes", declarou Delgatti. Cid Gomes interveio na discussão e pediu para que Moro e Delgatti se limitassem a falar sobre os temas investigados pela CPI e não questões pessoais.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.